

Pécora explica economia brasileira a japoneses

MIRIAM ALENCAR

Correspondente do GLOBO

O GLOBO

TOQUIO — Cumprindo um programação que pode ser considerada uma maratona, o segundo dia da missão do secretário-geral do Ministério do Planejamento, José Flávio Pécora, já pôde mostrar saldo positivo. Ontem, o fato mais importante ou pelo menos o que ocupou a maior parte do tempo — quase duas horas — foi a exposição feita pelo secretário-geral do Planejamento sobre a economia brasileira e o programa Grande Carajás, para membros do Comitê Empresarial Nipo-Brasileiro, setor privado e representantes do governo na confederação industrial.

Em poucos minutos, Pécora analisou a situação econômica atual, de forma tranquilizadora, pois, apesar dos conhecidos problemas econômicos, "o Brasil conseguiu suplantar a meta de US\$ 20 bilhões de exportação com aumento de 32 por cento sobre o nível de '79". Falou da situação agrícola, na importação e do setor energético.

Mas coube ao diretor para assuntos financeiros da Companhia Vale do Rio Doce, Samir Zraick, falar sobre Carajás, com números e detalhes, mostrando não só a grandiosidade do projeto, mas sua importância e viabilidade econômica.

Finalmente foi mostrado um filme sobre Carajás, quando os japoneses, interessadíssimos, tiveram a visão panorâ-

mica, não faltando mapas mostrando o caminho que percorrerá a ferrovia de 900 quilômetros, saindo da boca da mina até o porto para o embarque do minério.

O que ninguém esperava foi a questão levantada pelo presidente da Nippon Usiminas, H. Kato, que, citando o fato inclusivo de a Usiminas ser pioneira em sua área, estar encontrando dificuldades de financiamentos. Por isso, além de pedir para "não serem deixados de lado", fez um apelo às autoridades brasileiras "para que seja dada prioridade às usinas que carecem de recursos, cuidando depois dos novos projetos".

Flávio Pécora argumentou que "o Governo está atento, tentando estabelecer mecanismos de controle para dar andamento e continuidade a todos os projetos em curso".

No caso de Carajás temos que considerar que a parcela substancial decorre da capacidade da Vale gerar recursos.

Provavelmente o presidente da Nippon Usiminas assustou-se com as cifras citadas por Zraick, que assim enumerou os recursos já concedidos e a serem autorizados: US\$ 1 bilhão do BNDE, US\$ 300 milhões já concedidos pelo Banco Mundial, US\$ 50 milhões do IFC-agência do Banco Mundial, 300 milhões de marcos já garantidos pelo banco alemão KFW, mais US\$ 400 milhões cujo financiamento já está sendo estudado pela Comunidade Econômica Européia, através da Europe Steel Co. E, finalmente, os US\$ 500 milhões do Japão, que tudo leva a crer estão na reta final da garantia absoluta.